

Editorial

É com grande contentamento que apresentamos a 27ª edição da Revista *Em tempo de Histórias*. Nós do corpo editorial agradecemos imensamente a todos e todas que submeteram artigos para compor essa edição, bem como às historiadoras e historiadores que avaliaram esses artigos. Esperamos que a comunidade acadêmica, professores e professoras de História e pessoas interessadas por História aproveitem essas leituras. Essa edição, cuja temática é livre, engloba artigos de amplo escopo temático. Isso é um reflexo da produção histórica contemporânea no Brasil que, através de abordagens históricas distintas, busca narrar histórias plurais e diversas, protagonizadas por grupos sociais e raciais heterogêneos. Seguindo essa lógica, essa publicação é composta por nove artigos e duas resenhas. A exceção de três artigos, todos os textos tratam da História brasileira contemporânea – do final do século XX aos tempos atuais –, ainda que possuam agentes históricos distintos: a mulher negra da favela, os indígenas de uma tribo Guarani, a imprensa mineira no período imperial e a contracultura no período ditatorial.

O artigo “*Los de Abajo*: Mariano Azuela e o discurso histórico em torno à revolução mexicana (1910-1920)”, de Rafael Rodrigues, nos leva ao México após a revolução de 1910 e faz uma crítica ao sentido histórico fundado com o Estado revolucionário. A partir do livro *Los de Abajo*, do escritor mexicano Mariano Azuela, o autor nos mostra que a obra ficcional revela um universo revolucionário fragmentado, composto por indivíduos de classes e interesses distintos, através de dois protagonistas: um camponês pobre e um burguês cidadão. No caso em estudo, a ficção propôs um retrato da realidade dividida em que viviam os cidadãos mexicanos à época, através do uso de analogias.

Na temática do ensino de história, o artigo “Narrativas e Jogos de Interpretação (RPG): possibilidades historiográficas ou desafios literários? ”, de Jorge dos Santos, trabalha a possibilidade de utilização dos *role playing games* (RPG) como instrumento de ensino. Os exercícios de imaginação, jogos com possibilidades e construção de narrativas, segundo o autor, podem “pluralizar o entendimento sobre o passado”. Alguns dos jogos se utilizam de

cenários históricos, desde a fantasia medieval, passando pela Era Vitoriana e alcançando o mundo contemporâneo. Dessa maneira, há diálogo da narrativa ficcional com a narrativa histórica, na medida que as fantasias são executadas através de representações históricas reais. Uma vez que o jogador também é agente executor de possibilidades, há o questionamento da relação dos sujeitos com objetos do conhecimento, praticada na cultura escolar.

Dois dos artigos dessa edição tratam de individualidades que por muito tempo foram os “excluídos da História” na historiografia tradicional: o indígena e a mulher negra. Em “Presença e mobilidade Guarani no oeste paranaense: uma análise histórica”, de autoria de Paulo Porto Borges e Clovis Antonio Brigheti, o objetivo é tratar das migrações dos Guarani em ligação à sua religiosidade. Afirmando que “desde o período colonial a mobilidade Guarani é uma constante”, faz um histórico, que se inicia no período colonial e passa pela construção da hidrelétrica de Itaipu na década de 70, dos motivos que levaram esse povo a se deslocar pelos territórios do Cone Sul – notadamente as pressões exercidas por agentes externos sobre seus territórios. Uma vez que tanto o povo Guarani quanto suas migrações são multifacetados, o artigo possui como foco a comunidade Oco’y, de São Miguel do Iguacu. Atualmente, esse povo busca uma “terra sem mal”, local onde lhes seja permitida a sobrevivência, a defesa e o fortalecimento de seus costumes culturais, longe da influência não-índia e dos atos danosos do Estado brasileiro.

Em “A história da gente comum: o cotidiano de uma favelada”, Pollyana Costa se utiliza da perspectiva proposta pela História Social para tratar da obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra que morava na extinta favela do Canindé, em São Paulo, nos anos 1950. O cotidiano dessa mulher comum, segundo a autora, está repleto de “uma rotina de atividades como buscar água, catar lixo, trocar o papel por dinheiro, comprar comida, entre outras coisas”. Para além disso, contudo “Carolina Maria de Jesus enxerga o fato de estar sendo oprimida por um sistema de poder e relata isso em suas memórias”. Ademais, a escrita de Carolina Maria enfatiza as dificuldades da fome, a sua e de seus filhos. Os registros deixados por ela são uma amostra da experiência coletiva compartilhada por inúmeros favelados que sofriam as mesmas vicissitudes e não deixaram registros. Dessa maneira, através do documento riquíssimo que é essa publicação, podemos como propõe a metodologia da História Social, ouvir uma voz da favela à época no presente, e refletir acerca de suas estruturas sociais.

Os três artigos seguintes tratam de meios de comunicação em épocas distintas de nossa história: o final do Império, a Ditadura civil-militar e um *site* no ciberespaço dos anos 2000.

Em “São João del-Rei, Ouro Preto e o uso simbólico dos conjurados na imprensa política: 1877 a 1889”, Augusto Resende mostra que a Capitania de Minas Gerais não sofreu grandes abalos com o esgotamento do ouro, uma vez que possuía uma economia diversificada que permitia a autossuficiência e supriria também a Província. Ademais, demonstra a importância da imprensa à época, através da qual se fazia política e se representavam figuras míticas da história mineira, notadamente os inconfidentes. Os festejos em torno dos conjurados reuniram classes e segmentos político diversos, produzindo um passado nacional comum entre os mineiros e reuniria os primeiros patriotas da América portuguesa, na década decisiva de fundação da República.

O artigo “Imprensa alternativa e *desbunde*: o *Pasquim*, a contracultura e os movimentos de esquerda nos ‘Anos de Chumbo’”, de Natália Besagio, nos apresenta uma imprensa alternativa, personificada nas colunas d’*O Pasquim*, que questionava os discursos nacionalistas da ditadura e associava-se à emergência da contracultura e da Nova Esquerda no Brasil. Embasando-se no argumento de que a contracultura foi universal, a autora parte do pressuposto que ela ocorreu apesar da ditadura e não por causa dela. O jornal *O Pasquim*, operacionalizado com temáticas livres, formas inusitadas de produção e veiculação de notícias e sem organização editorial rígida publicava sob “a premissa de que o importante era negar. Negar a ordem estabelecida, negar as ideologias políticas em sua forma tradicional e negar os padrões de escrita impostos pelos manuais de redação e tão caros à imprensa desde a década de 1950 e o alinhamento ao modelo jornalístico estadunidense”.

Já em “Revisionismo histórico online: *Valhalla88*, o difusor da intolerância na América do Sul (1997-2007)”, de Mônica Santana, nos traz considerações teóricas acerca do Revisionismo – movimento intelectual que surgiu na França pretendendo negar a existência do Holocausto – e sua presença no ciberespaço mundial, focando-se no site brasileiro com domínio argentino *Valhalla88*. O conteúdo textual e imagético disponível através de tal portal pretendia o questionamento da existência do extermínio em massa nos campos de concentração, a afirmação da utilização de um “mito do holocausto” por parte dos judeus para que conseguissem a criação do Estado de Israel e a difusão de imagens caricaturais dos judeus como monstruosos, animais, gananciosos e desejosos do extermínio branco. Ao fim e ao cabo, portais como esse, nas palavras da autora: “evidenciam em nossa sociedade a persistência de problemas antigos ligados à intolerância étnica, racial, sexual, regional e estética”.

No artigo intitulado “Política e Memória: o Integralismo no pós-1945”, Rogério Lustosa Victor aborda a disputa de construção de memória social assumida pelos Integralistas com o final do Estado Novo. O aparelho varguista, além de cancelar os partidos políticos em 1937, construiu com sucesso a associação da AIB (Ação Integralista Brasileira) com a alcunha de nazistas/fascistas/golpistas. Essa visão era divulgada não só pelos jornais brasileiros, como também através de livros didáticos. A partir daí o Partido de Representação Popular, que englobaria a rearticulação dos integralistas após o Estado Novo, iniciaram uma busca pela escrita da História do Brasil que “representasse a verdade”. O fracasso dos integralistas em conseguirem contar sua própria história através dos livros didáticos e a permanência do estigma construído nos anos 1930 nos livros didáticos perdurou e foi capital na falência do PRP.

Finalmente, Frederick Gomes Alves em “A condição do pós-moderno frente à historiografia global” pretende mapear o posicionamento do pensamento global em face ao pensamento pós-moderno. A história global ao passo em que critica o pensamento pós-moderno, engloba a crítica do último ao eurocentrismo. Enquanto os pós-modernos ampliaram demasiadamente seu relativismo cultural, negando a necessidade da existência de um centro para as culturas, os pensadores da história global creem que há proveito em se criar um espaço que medie e comunique culturas, buscando o consenso entre elas. A história global, além disso, opera visando resgatar as metanarrativas e a história universal. Segundo o autor, o “objetivo da história global é atualizar as metanarrativas como centros de gravidade em que a diversidade poderá dialogar neste espaço comum”. O autor conclui que o que se busca com esse novo tipo de história, que sucede a contemporânea, é “multiplicar as vozes da história a fim de não permitir a emergência de nenhuma nova metanarrativa etnocêntrica, mas ao mesmo, dar unicidade a tais vozes para que seu coro faça sentido num mundo globalizado, produzindo harmonia e não uma cacofonia de vozes díspares”.

Por fim, contamos com a resenha da obra de Maria Beltrão Sposito e Eda Maria Goés, *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação social*, publicada em 2013. A autora da resenha é Daniela Reis Moraes e a obra analisada visa a compreensão das fragmentações estruturais do espaço urbano, bem como sua implicação, a segregação social. As autoras o fazem através da análise de três cidades médias do interior paulista: Marília, Presidente Prudente e São Carlos, fugindo assim, da tendência na produção brasileira acerca da urbanização de se focar em metrópoles. Adicionalmente, também apresentamos a resenha de Paulo Sérgio Silva do livro *A festa de N.S. do Carmo em Boa Vista/Roraima: conflitos e*

disputas de poder, escrita por Vandeilton Francisco da Silva como dissertação de mestrado. Esta obra se foca na festa religiosa de Nossa Senhora do Carmo, em Boa Vista, para elucidar os jogos políticos da classe dominante da região, entre religiosos e fazendeiros, do final do século XIX ao início do XX.

Esperamos que nossas leitoras e leitores façam boa apreciação dessa edição da *Em tempos de Histórias*. Que a produção dos estudos históricos continue a se ampliar e mantenha o rigor metodológico necessário, com uma profunda análise de fontes históricas. Mas, ainda assim, que nos lembremos do apelo de Arlette Farge (2011, p.79) e não nos esqueçamos da “carne humana (...) aquela que deseja, ama, sofre ou contradiz a linha reta das análises claras”. A História segue desse modo, ciência e humana.

Uma leitura prazerosa a todos e todas!

Victoria Junqueira

Universidade de Brasília
Equipe Editorial - Em Tempo de Histórias